



4772 - Trabalho - 39ª Reunião Nacional da ANPEd (2019)  
GT12 - Currículo

TECENDO REDES EDUCATIVAS COM MOVIMENTOS MIGRATÓRIOS APRESENTADOS NO CINEMA: FIOS DE TESSITURAS CURRICULARES

Juliana Rodrigues - UERJ - PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Maria do Carmo de Moraes Mata Rodrigues - UERJ - PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Agência e/ou Instituição Financiadora: FAPERJ

### TECENDO REDES EDUCATIVAS COM MOVIMENTOS MIGRATÓRIOS APRESENTADOS NO CINEMA: FIOS DE TESSITURAS CURRICULARES

**Resumo:** O presente artigo tem a finalidade de propor uma conversa, a respeito dos processos de mobilidade humana, na atualidade, objetivando tecer redes educativas com docentes acerca das questões que vivenciam os migrantes e seus cotidianos. É urgente incentivar a criação de redes que atuem contra a xenofobia e em prol de um acolhimento humanizado de migrantes que chegam ao nosso país diariamente. Para esse estudo, trazemos Alves e Oliveira com as pesquisas *nos/dos/com* os cotidianos; nos apoiamos em Deleuze e Guattari, porque compreendemos que as imagens, os sons e as narrativas produzidas nas conversas, são “personagens conceituais”; usamos também as ideias de Certeau sobre “usos” e “táticas”; autores como Moreira e Schurmans, nos inspiram acerca de mobilidade humana, esse último por tratar da noção de apresentação do migrante no cinema.

**Palavras-chave:** Movimentos Migratórios. Cinema. Redes Educativas. Currículos. Formação Docente.

#### Introdução

Desde sempre a mobilidade humana acontece em nosso planeta. Hoje, vivemos a maior crise humanitária global de que se tem notícia. O fato se dá principalmente devido ao aumento da pobreza mundial e dos conflitos armados, em especial na África e no Oriente Médio. Mais de 60% da população da Síria está deslocada de suas residências e isso representa cinco milhões de pessoas, segundo Paulo Sérgio Almeida, representante da ONU (Organização das Nações Unidas). Ele afirmou, em palestra proferida em 13 de setembro de 2017, na Pontifícia Universidade Católica (PUC) de Goiás, que somente na travessia do mar mediterrâneo no ano de 2017, cerca de sete mil pessoas perderam suas vidas, vítimas de naufrágio em precárias embarcações tentando migrar da África para a Europa.

O relatório anual, de 2017, do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) apresenta o alarmante número de 65 milhões de pessoas deslocadas e, desse número, aponta-se para a porcentagem de 51% de crianças. Infelizmente há a estimativa de 75 mil crianças separadas de suas famílias.

Pessoas migram por diversas razões e esse é um movimento voluntário. Quando elas precisam sair de suas casas ou país de forma obrigada, são denominados refugiados. Para Moreira (2017),

a atual mobilidade humana no planeta atinge dimensões impressionantes e traz consequências absolutamente novas para os povos e ecossistemas do planeta. Ela está nada menos do que reconfigurando a humanidade. Basta mencionar os processos culturais de desenraizamento e deslocamento, de crises econômicas e identitárias; os conflitos étnicos, culturais e religiosos; as hibridizações, as fusões e os sincretismos; a exportação de gostos, costumes, valores e mercadorias; a profunda transformação na percepção de espaço e tempo; as mudanças na percepção de si, do outro e do mundo (p. 8).

É importante ressaltar que, a maioria dos refugiados no mundo hoje, ou seja 84%, foram acolhidos por países em desenvolvimento, sendo a Turquia o país com o maior número: um milhão e novecentos mil refugiados. Em seguida, vem o Líbano, com um milhão e cem mil refugiados e depois Jordânia, Iraque, Irã, Uganda e Etiópia, país esse de extrema pobreza, de acordo com dados oficiais da ONU (Organização das Nações Unidas).

A situação do Líbano é caótica pelo fato de o país ser pequeno, e nele termos hoje a proporção de 164 refugiados para cada mil libaneses. O fato gera muitas dificuldades de assistência sanitária, médica e de moradia. E 54% desses refugiados são oriundos da Síria, do Afeganistão e do Sudão do Sul.

#### ‘Espacestempos’ de novas tessituras

Sobre as noções de lugar e de espaço, Certeau (1990) nos adverte...

É um lugar a ordem (qualquer que ela seja) segundo a qual os elementos são distribuídos em relações de coexistência. Encontra-se aqui, então, excluída a possibilidade de duas coisas estarem no mesmo lugar. A lei do ‘próprio aí reina’... Há espaço desde que se considere vetores de direção, quantidades de velocidade e a variável tempo. O espaço é um cruzamento de móveis... O espaço estaria em relação ao lugar da mesma forma que a palavra quando é pronunciada... Em suma, o espaço é um lugar praticado ( p. 172-173).

Nas pesquisas com os cotidianos temos usado ‘*espaçostempos*’<sup>[1]</sup>, expressão que grafamos junto, em itálico e entre aspas simples, para evidenciar a indissociabilidade dessas noções. Os deslocamentos de pessoas, por diversos motivos, quase sempre alheios à vontade das populações que se vêem impelidas a deixar para trás seus ‘*espaçostempos*’

em busca de novas oportunidades de vida, criam a necessidade de que novas redes sejam tecidas entre os migrantes e a população local. São muitas as questões envolvidas nesses entrelaçamentos, passando pela língua, pela cultura, pela compreensão de novas realidades, enfim por incontáveis fios.

A grande crise política e econômica que o Sudão do Sul atravessa hoje, por exemplo, gera um expressivo quantitativo de refugiados que se deslocam principalmente para Uganda, outro país pobre da África. Oriundos de vários outros países, também chegam à Europa e às Américas contingentes migratórias.

E como agir frente a essa grave crise humanitária no mundo? Para o ACNUR (Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados), há três ações a serem tomadas: a primeira é a repatriação voluntária. Essa ocorre em pequena escala; a segunda é a integração local que significa a reconstrução da sua vida em um novo país; a terceira, o reassentamento que ocorre quando a segurança de um refugiado ainda permanece em risco mesmo já tendo saído do país de origem. Nesse caso, o refugiado segue para outro país. Hoje, na África, há uma demanda de mais de um milhão de pessoas com esse tipo de solicitação.

O volume de pessoas em risco é muito elevado e tudo o que é feito hoje ainda é muito pouco frente às reais necessidades humanitárias. Para se ter êxito nas ações é muito importante que governo, iniciativa privada e outros órgãos participem desse processo.

O Brasil se comprometeu em receber três mil refugiados Sírios até 2018 e esses chegam ao país e recebem o visto de refugiados imediatamente, o que lhes confere benefícios como o direito a trabalhar regularmente e acessar os sistemas públicos de educação e saúde.

Os haitianos, no Brasil, recebem um visto humanitário, pois a condição deles é diferente, uma vez que o país foi devastado por acidente natural (terremoto) e não há condições básicas de sobrevivência, como trabalho, moradia, água potável e higiene.

É muito importante conscientizar a população que recebe os refugiados de que ninguém é refugiado por escolha. Há um fator de grande instabilidade que força as pessoas a pedirem asilo.

Cabe, e é grave, ressaltar que muitos africanos de pele negra relatam o preconceito racial que estão vivenciando, pela primeira vez, em nosso país e, muitos adeptos da religião muçulmana, reportam serem vítimas de preconceito religioso. Para Bobbio (2002):

o preconceito é uma opinião errônea, no entanto, trata-se de um erro mais tenaz e perigoso do que qualquer outro, pois é um erro que corresponde a sentimentos e interesses de um grupo em relação a outro. Assim, o preconceito é uma predisposição em creditar como verdade algo que é um interesse ou um sentimento irrefletido. (BOBBIO, 2002, p. 103 *apud* ANDRADE, 2006, p. 99).

Tecer redes educativas pode contribuir para minimizar a xenofobia que assola refugiados e migrantes pelo mundo é urgente e necessário. As nossas trajetórias nos marcam e é através delas que tecemos nossas redes de 'conhecimentossignificações', estabelecendo 'conversas'<sup>[2]</sup>, porque "a oralidade está em toda parte, porque a conversação se insinua em todo lugar; ela organiza a família e a rua, o trabalho na empresa e a pesquisa nos laboratórios" (CERTEAU; GIARD, 2009, p. 337). Por meio de 'conversas', que se dão a partir de situações vividas, de filmes a que assistimos, de leituras diversas, criamos condições propícias para que estudantes e professores, e nós também, como pesquisadores, tomemos conhecimento da realidade, de cada processo vivido por nossos semelhantes, podendo, assim, aumentar o número de pessoas que compreendem esse processo traumático, pensem e trabalhem em prol de uma sociedade mais igualitária e sem preconceitos, de um acolhimento real e humano. Assim, nessas redes não somos nós e os outros. Somos uma força coletiva de enfrentamento às injustiças sociais.

Dialogar e compreender que a presença de migrantes é positiva em vários aspectos como humanitários, culturais e econômicos é um ponto de partida. O cinema caracteriza-se por uma grande potência para problematizar questões presentes em nosso cotidiano. Muitos filmes que retratam as migrações são de ficção, principalmente aqueles que retratam as migrações clandestinas. Schurmans (2014) aponta:

A migração clandestina constitui uma categoria entre várias, a par de outras como a migração econômica, a migração resultante de um conflito, etc. [...] trata-se igualmente da migração de mais difícil abordagem (a clandestinidade da atividade explica a falta de dados fiáveis, a dificuldade de acesso às vítimas, assim como a dificuldade em distinguir certos atos voluntários de outros forçados). [...] É justamente por causa destas características que os guionistas dos filmes sobre clandestinos optaram pela ficção e não pelo documentário a primeira sendo mais apta a preencher os vazios e os silêncios, mais apta também a traduzir o sofrimento em personagens e assim comover, o que significa, neste preciso contexto, implicar o receptor (SCHURMANS, 2014, p. 94-95).

A afirmação acima retrata em parte o que vivem muitos venezuelanos hoje. País que por muitos anos recebeu migrantes colombianos gerando várias reflexões importantes: ocorre um grande fluxo de migrantes clandestinos para o Brasil, que entram no país pela facilidade da fronteira (Roraima é uma grande porta de entrada); a população se vê obrigada a migrar porque há uma grande escassez de alimentos, de serviços básicos e uma privação de liberdade imposta por um governo tido por muitos como ditatorial, embora conte com grande apoio popular. As chamadas sanções americanas e a disputa pelo petróleo também são fatores considerados por alguns analistas como responsáveis pela crise. Enfim, a questão política na Venezuela é complexa e não pretendemos esgotá-la neste texto. Interessa-nos a questão da migração. Neste caso, a grande maioria dos migrantes possui ensino médio e superior e trata-se de uma população jovem que pode contribuir economicamente em sociedades envelhecidas. Segundo a ONU, 72% dos migrantes em idade na faixa de 20 a 39 anos o que caracteriza uma faixa etária produtiva e que contribuirá para o equilíbrio da seguridade social.

Mas para que isso ocorra é preciso uma política de regularização desses migrantes e apoio para uma real inserção na sociedade. Há cerca de 30 mil pedidos de migrações venezuelanas aguardando aprovação na Embaixada Brasileira.

Atualmente a Igreja Católica possui uma instituição presente no mundo inteiro chamada Cáritas e que possui grande importância no acolhimento de migrantes. O seu objetivo é receber os refugiados e prestar os primeiros atendimentos, buscando a integração das pessoas na sociedade. Cuida dos aspectos legais e procura encaminhá-los ao mercado de trabalho, após ter contato com a língua oficial do país. Embora seja uma iniciativa da igreja Católica, não possui caráter confessional e atende a qualquer nacionalidade ou adepto de qualquer religião. Seus funcionários também são selecionados independentemente do credo que possam professar.

A migração gera uma crise humanitária na atualidade. Os direitos humanos são fundamentais e precisam ser

respeitados embora não tenhamos políticas governamentais concretas e específicas de recepção de migrantes ou refugiados. Importante ressaltar que um dos direitos humanos ameaçados nesses casos é o acesso à educação.

Nas redes educativas das quais participamos, buscamos despertar em docentes e discentes a temática da migração e o sentido de alteridade. Utilizamos a metodologia de exibição de filmes de ficção e de documentários, seguida das conversas que dialogam acerca do tema. A isso chamamos de *'cineconversas'*.<sup>[3]</sup> Buscamos ressaltar nessas conversas as "táticas"<sup>[4]</sup> que os *'praticantespensantes'* (OLIVEIRA, 2012)<sup>[5]</sup> se dispuseram a criar para superar as adversidades encontradas, como por exemplo, as conhecidas rotas de fuga de muitos migrantes, a adaptação aos costumes do país de acolhida, a rica troca de conhecimentos entre todos os envolvidos, pois, como nos inspira Oliveira, a riqueza das pesquisas com os cotidianos está justamente em captar as artes de fazer dos *'praticantespensantes'* – não só os das escolas – mas a dos tantos cotidianos, nos tantos *'dentrofora'* das escolas.

Tecer ideias com o universo cinematográfico e escrever sobre elas é o que pretendemos apresentar nesse artigo. Por esse motivo, pesquisamos com os cotidianos, mostrando que as múltiplas histórias dos filmes são uma excelente forma de iniciar uma nova conversa, de perceber as táticas de praticantes, bem como seus "usos", como apontado por Certeau e reafirmado por Alves e Oliveira (2008):

Estas "artes de fazer" dos praticantes, os usos e as táticas que desenvolvem cotidianamente são inscritas e delimitadas pelas redes de relação de forças entre o forte e o fraco que definem as circunstâncias das quais podem aproveitar-se para empreender suas "ações". O trabalho de pesquisa *nos/dos/com os cotidianos* pretende captar essas artes de fazer, essas operações realizadas nas escolas, por professores e alunos nos usos 'astuciosos' e clandestinos que fazem dos produtos e regras que lhes são impostos, buscando, com isso, ampliar a visibilidade dessas ações cotidianas e compreendê-las em sua originalidade, bem como em suas 'regras' próprias de produção e desenvolvimento. (p.37)

### **'Cineconversas': "Entre os muros da escola"**

Um filme que nos traz reflexões a respeito da importância da educação no processo de inserção e acolhimento de migrantes e refugiados é o francês "Entre os muros da escola" (direção: Laurent Cantet, 2008, França). Ele apresenta uma sala de aula com adolescentes franceses, africanos, latino-americanos e asiáticos e traz à cena situações que eles vivem em seus cotidianos.



Imagem 1: cena do filme "Entre os muros da escola" com um movimento de acolhimento aos alunos



Imagem 2: cena do filme "Entre os muros da escola" com alunas migrantes participando da aula.

No filme percebemos claramente o esforço do professor François para que os alunos aprendam o idioma francês e se coloquem como autores do próprio processo de *'ensinoaprendizagem'*, através de uma aula participativa em que os alunos são estimulados a opinar e a se relacionar de forma respeitosa. A tarefa é árdua porque os alunos expressam seus processos de migração que, na maioria das vezes, são penosos, com agressividade e falta de interesse nos estudos. Nos conselhos de classe, fica evidente que os professores divergem na conduta com os alunos.



Imagem 3: cena do filme “Entre os muros da escola” com o professor realizando uma aula interativa com o aluno Souleymane.

Alguns não compreendem que, muitas vezes, o comportamento agressivo é o reflexo das dificuldades enfrentadas por eles na vida. O aluno Souleymane, um dos mais indisciplinados da escola, na avaliação dos professores, destaca-se por não encontrar sentido em nada do que as aulas oferecem e pela total falta de relação com seus colegas. Durante um trecho do filme, sua mãe e seu irmão comparecem a uma reunião com o professor François para que tomem conhecimento do comportamento de Souleymane. Sua mãe, que não fala o francês, afirma através do outro filho, que não compreendia as advertências que o filho levava para casa e o irmão, por sua vez, apenas perguntava a Souleymane se estava tudo bem. A passagem deixa clara a barreira que a não compreensão do idioma traz para a inserção e o acompanhamento de um migrante na sociedade a em que ele está vivendo.

Na própria Paris, podemos apontar bairros inteiros nos subúrbios que são povoados por migrantes e que possuem fronteiras “invisíveis”: dificuldade de transporte, moradia, emprego. Esses migrantes são, na sua maioria, oriundos das ex-colônias africanas e que migraram em busca de condições melhores de vida.

Acreditamos ser importante estabelecer conversas com professores do curso de Pedagogia, licenciaturas e estudantes do ensino médio problematizando questões como: quais seriam as principais dificuldades dos alunos migrantes? De que forma a escola pode intervir para minimizar os efeitos negativos desse processo? E de que forma a atuação da escola pode ser positiva para a vida dos migrantes? Quais são as fronteiras para além das delimitações de espaços geográficos e políticos? Nas redes educativas, criamos fronteiras? De que forma? Por quê?

Com essa opção teórico-metodológica e epistemológica pelas pesquisas com os cotidianos, compreendemos que todos os ‘*espaçostempos*’ são tecidos, organizados, através de conversas. Dessa forma, muitos preconceitos poderiam ser relativizados e a rede sensível a ajuda de migrantes poderia se expandir. Além disso, é nessa relação que as trocas de ‘*saberesfazeres*’ ocorrem nos cotidianos. Por isso assumimos que não fazemos entrevistas, mesmo porque, aqueles que tecem conversas conosco não são apenas “fontes de pesquisa”, mas sim intercessores, personagens conceituais com os quais desenvolvemos nossas ‘*prácticasteoriaspráticas*’ nos cotidianos das pesquisas.

Para mergulhar nas pesquisas com os cotidianos, aprofundamos com Alves (2008) algumas posturas, sendo instigadas a realizar movimentos, tais como “mergulhar com todos os sentidos”, “narrar a vida e literaturalizar a ciência”, “virar de ponta cabeça”, “Ecce femina”. Tudo isso nos inspira para compreender os movimentos dos migrantes. E é a mesma autora que avança em relação às suas próprias formulações e nos diz que quando narramos alguma coisa, situação ou visão de mundo de outra pessoa, nunca narramos a “coisa por si só” ou o “outro” apenas. Narramos o que nós mesmos conseguimos ‘*verouvirsentir*’. Narramos mergulhados nas nossas próprias redes educativas que são redes de ‘*conhecimentossignificações*’, muitas vezes complementares, mas muitas vezes contraditórias. Narramos em conversas com os personagens conceituais que elegemos nas pesquisas e esses personagens são múltiplos: textos, filmes, pessoas, coisas... Em acordo com Certeau e Giard (2009):

Às conversações comumente não é atribuída nenhuma relevância ou *status* nas lógicas de poderes acerca da “construção do conhecimento moderno: como creditar inteligência e complexidade requintada às astúcias de uma prática tão comum?” (p. 338).

Alves costuma reforçar sempre que, na Modernidade, foi necessário ao desenvolvimento da Ciência criar a dicotomia entre os conhecimentos de Deus e aqueles que os homens poderiam criar, para que esses, então, pudessem avançar no desenvolvimento das tecnologias, ‘*conhecimentossignificações*’, etc, sem sofrer perseguições pela Igreja católica, hegemônica então. Desse modo, desenvolveu-se a Ciência Moderna: na premissa de que com o distanciamento entre o sujeito e o objeto, os dados das pesquisas seriam “puros” e nos dariam “a verdade”, sendo mais válidos. Entretanto, Alves (2008) nos mostra que isso não é possível, junto a tantos outros autores na mesma corrente de pensamento. Por isso, ela com Oliveira (2008) julgaram necessário o “mergulho com todos os sentidos nos cotidianos”. Assim, escrevem que:

é esse envolvimento dialógico que nos leva a falar em *mergulho* e não em observação porque sabemos que a vida cotidiana desses e dessas praticantes não se reduz àquilo que é observável e organizável formalmente. Os múltiplos sentimentos, valores e processos vividos por cada um(a) na tessitura das redes de conhecimentos que dá sentido às suas ações precisam ser compartilhados coletivamente e, para fazê-lo, precisamos estar imersos nos sentidos e sentimentos dessas tantas histórias ouvidas e partilhadas (ALVES; OLIVEIRA, 2008, p.10).

Devemos “mergulhar com todos os sentidos” nos cotidianos porque percebemos que “só é possível analisar e começar a entender o cotidiano escolar em suas lógicas, através de um grande mergulho na realidade cotidiana da escola e nunca exercitando o tal olhar distante e neutro” ((ALVES; OLIVEIRA, 2008, p.20) o que para muitos é fundamental com a firme posição de manter o distanciamento de suas pesquisas. Porém, compreendemos que o distanciamento entre “pesquisador” e “pesquisado”, ou as dicotomias que marcaram os modos de se fazer Ciência na Modernidade são limites para as pesquisas dessa corrente.

### À guisa de conclusão

Desta forma, propomos trabalhar os estudos migratórios a partir das pesquisas com os cotidianos porque, a partir das conversas, podemos mergulhar no universo dos seus ‘*praticantespensantes*’.

As imagens foram trazidas para o artigo porque com elas também pensamos, produzimos ‘*conhecimentossignificações*’ e são também tidas para Alves (2012), a partir do pensamento de Deleuze e Guattari (1992), como “personagens conceituais”<sup>[6]</sup>.

Compreendendo as imagens e narrativas de migrantes como “personagens conceituais” (DELEUZE, GUATTARI, 1992), pudemos comprovar que passamos a compreendê-las e elas permanecem conosco por muito tempo para que possamos tecer pesquisas, nos interrogando e fazendo surgir ‘*conhecimentossignificações*’ diversos. Para Alves (2010):

as imagens e narrativas são compreendidas como personagens conceituais que são aqueles elementos sem os quais não seria possível pensar e, cuja presença nas pesquisas *nos/dos/com* os cotidianos é, então, necessária para que se criem argumentos e se dê a compreensão necessária do que é pesquisado (p. 188).

Assim, ao estabelecermos conexões com esses artefatos, o fazemos considerando aquilo que neles nos permite pensar, questionar, encontrar explicações. Com eles pensamos.

Dessa forma, ‘conversar’ é o modo através do qual, nas pesquisas com os cotidianos, entendemos que trocamos experiências tecidas em redes educativas que criamos e nas quais nos formamos, permitindo relações múltiplas e complexas entre os ‘*praticantespensantes*’ das mesmas.

Quanto às ‘*prácticasteorias*’ curriculares, nas palavras de Brandão (2014):

essa forma de se fazer pesquisa vem sendo considerada, porque acreditamos que os ‘*docentesdiscentes*’ dos cotidianos escolares têm muito a nos dizer acerca das soluções que encontram para as adversidades e diversidades encontradas nos ‘*espaçostempos*’ escolares (p. 20).

Assim, Alves (2012) nos indica melhor como utiliza a ideia de “personagens conceituais” em suas pesquisas e porque compreende as narrativas produzidas nas “conversas” como “personagens conceituais”, assim como as imagens e os sons:

os personagens conceituais são, assim, aquelas figuras, argumentos ou artefatos que entram como o outro – aquele com que se ‘conversa’ e que permanece presente muito tempo para que possamos acumular as ideias necessárias ao desenvolvimento de conhecimentos e a compreensão de significações nas pesquisas que desenvolvemos. Esses personagens conceituais aí têm que estar, para que o pensamento se desenvolva, para que novos conhecimentos apareçam, para que lógicas se estabeleçam. É nessa mesma direção que afirmamos que para as pesquisas *nos/dos/com* os cotidianos, as narrativas (e sons de diversos tipos) e as imagens dos praticantes docentes e de outros praticantes dos ‘*espaçostempos*’ cotidianos não podem ser entendidas, exclusivamente, como ‘fontes’ ou como ‘recursos metodológicos’. Elas ganham o estatuto, e nisso está sua força, de personagens conceituais. Sem narrativas (sons de todo o tipo) e imagens não existe a possibilidade dessas pesquisas. Assim, ao contrário de vê-las como um resto rejeitável, dispensável do que buscamos, algo sempre igual e repetitivo, é preciso tê-las, respeitosa e, como necessárias aos processos que realizamos. Nesta pesquisa, então, partimos de uma afirmativa: “conversa-se muito nas escolas e nos múltiplos contextos de formação dos docentes”. Para alguns (muitos?) isto é entendido como ‘perda de tempo’. Mas nas pesquisas *nos/dos/com* os cotidianos, entendemos que este é o verdadeiro ‘lôcus’ de pesquisa, pois nelas surgem imagens e narrativas que vão se transformar em nossos personagens conceituais (2012, p. 12-13).

Ou seja, a partir de Deleuze e Guattari (1992), Alves afirma que “personagens conceituais”, são dados significativos, elementos que possibilitam os processos de pesquisa, permitem formar teorias, pois são eles que nos levam a pensar as questões que nos colocamos para desenvolver pesquisas nesta corrente de pensamento.

Inspiradas em Alves (2008), que afirma que é preciso “narrar a vida e literaturalizar a ciência”, procuramos dialogar com as questões migratórias de forma que os cotidianos vividos por eles sejam conhecidos e valorizados. São ‘*conhecimentossignificações*’ que não são hegemônicos e nos quais há “uma outra escritura a aprender”:

Aquela que talvez se expresse com múltiplas linguagens (de sons, de imagens, de toques, de cheiros etc.) e que, talvez, não possa ser chamada mais de “escrita”; que não obedeça à linearidade de exposição, mas que teça, ao ser feita, uma rede de múltiplos, diferentes e diversos fios; que pergunte muito além de dar respostas; que duvide no próprio ato de afirmar, que diga e desdiga, que construa uma outra rede de comunicação, que indique, talvez, uma *escritafala*, uma *falaescrita*, uma *falaescritafala* (ALVES, 2008, p. 30-31).

Para iniciar esse caminho de diálogo, propomos as redes educativas e o uso do cinema como fio condutor. Importante considerar que em todo esse processo, devemos esclarecer duas ideias ainda inspiradas em Alves (2008) que seriam: a primeira, compreendendo que a “descrição” a ser feita “não significa um retorno à descrição que marcou a historicidade na época clássica, pois, ao contrário dessa, não há na primeira [na narrativa] a ‘obrigação’ de se aproximar da ‘realidade’ mas sim de criar um espaço de ficção” (p. 32). A segunda se refere à impossibilidade de neutralidade do pesquisador, pois, nas pesquisas com os cotidianos, entendemos que também nós nos tornamos *outros* da pesquisa prontos a tecer fios das redes de ‘*saberesfazeres*’ que trançamos com aqueles com quem conversamos e pensamos.

É necessário e urgente o acolhimento fraterno daqueles que nos chegam emocionalmente fragilizados e sem nada material, deixando suas raízes para trás, famílias inteiras destruídas em busca simplesmente de viver: elas não querem morrer. E ressaltamos: morrer de fome, de falta de liberdade de pensamento político, de negação a suas tradições religiosas e outros motivos. Acreditamos que um dos caminhos é a educação, principalmente de jovens e de professores para disseminar atitudes positivas perante migrantes e refugiados.

### Referências bibliográfica

ALVES, Nilda. Decifrando o Pergaminho – os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: ALVES, Nilda; OLIVEIRA, Inês Barbosa de (Orgs.). *Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas* – sobre redes de saberes. Petrópolis: DP et Alii, 2008: 28- 45.

\_\_\_\_\_. *Redes educativas ‘dentrofora’ das escolas, exemplificadas pela formação de professores*. In: XV Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino. Belo Horizonte, Abr, 2010.

\_\_\_\_\_. *Redes educativas, fluxos culturais e trabalho docente: o caso do cinema suas imagens e sons*. Financiamentos CNPq, FAPERJ e UERJ, 2012-2017. 2012. (Projeto de Pesquisa).

ANDRADE, Marcelo Gustavo de Souza. *Por uma filosofia da educação a partir do conceito de tolerância*. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Doutorado em Ciências Humanas – Educação, 2006. (Tese)

BOBBIO, Norberto. Elogio da serenidade e outros escritos morais, São Paulo: Unesp, 2002 *apud* ANDRADE, Marcelo Gustavo de Souza. *Por uma filosofia da educação a partir do conceito de tolerância*. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Doutorado em Ciências Humanas – Educação, 2006. (Tese)

BRANDÃO, Rebeca Silva Rosa. *A formação de 'docentesdiscentes' atravessada pelas imagens de professores no cinema como questão curricular*. Rio de Janeiro: UERJ/ProPEd, 2014. (Dissertação).

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano*: 2. Morar, cozinhar. Petrópolis, RJ: Vozes, 9ª Ed., 2009.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano* 1. artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Personagens conceituais. In: DELEUZE, Gilles;

GUATTARI, Félix. *O que é filosofia?* Rio de Janeiro: Editora 34, 1992: 81 – 109.

MOREIRA, Alberto da Silva. *Religião, migração e mobilidade humana* (org). Goiânia: Ed. Da PUC Goiás, 2017.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Currículos e pesquisas com os cotidianos: o caráter emancipatório dos currículos 'pensadospraticados' pelos 'praticantespensantes' dos cotidianos das escolas. In: Carlos Eduardo Ferrazo e Janete Magalhães Carvalho (Org.). *Currículos, pesquisas, conhecimentos e produção de subjetividades*. Petrópolis: DP et AlII, 2012, 1. Ed: 47-70.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Certeau e as artes de fazer: as noções de uso, tática e trajetória na pesquisa em educação. In: ALVES, Nilda; OLIVEIRA, Inês Barbosa de. *Pesquisas nos/dos/com os cotidianos das escolas – sobre redes de saberes*. Petrópolis: DP et AlII, 2008.

SCHURMANS, Fabrice. A representação do migrante clandestino no cinema contemporâneo: efeitos e cenas de fronteira. *Revista Crítica de Ciências Sociais*. [Online], n. 105. 03 Dez. 2014. Disponível em: <http://rccs.revues.org/5814>. Acesso em 12 Out. 2017.

### Filme citado

ENTRE OS MUROS DA ESCOLA. Direção: Laurent Cantet. Com François Bégaudeau, Louise Grinberg, Rabah Naït Oufella. França: 2008. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rBXIPg7nj-Y>. Acesso em: 13 out. 2017.

### Citações

[1] Este modo de escrever estes termos juntos, em itálico e com aspas simples – tais como os termos '*espaçostempos*', '*aprenderensinar*', '*práctateoria*', '*praticantespensantes*', '*docentesdiscentes*', entre outros – é utilizado em pesquisas *nos/dos/com* os cotidianos e serve para nos indicar que, embora o modo dicotomizado de criar conhecimento na sociedade Moderna teve sua significação e importância, esse modo tem significado limites ao desenvolvimento de pesquisas nessa corrente de pensamento.

[2] As 'conversas' nas pesquisas *nos/dos/com* os cotidianos são o *lócus* preferencial de desenvolvimento das mesmas.

[3] Passamos a chamar este movimento de 'cineconversas', pois de fato, sem seguir a tradição de cineclubes, o movimento que realizamos tem as 'conversas' em torno de temáticas introduzidas pelo processo de '*verouvirsentirpensar*' os filmes como *lócus* central dessas pesquisas. Assim, não se trata de conhecer os filmes em si e discuti-los em sua historicidade, construção técnica, como obra artística de um criador etc – o que caracterizaria os processos realizados em um cineclubes - mas de tê-los como iniciador de pensamentos que permitam as 'conversas'. Estas são conduzidas, tanto para a versão de realidades de migrações - em ocasiões diferentes, em '*espaçostempos*' diversos, por causas diferenciadas - que os filmes permitem, como, em especial, para como essas ideias permitem pensar processos de acolhimento de crianças e jovens – bem como seus pais – nas escolas brasileiras. Partimos das ideias que os '*praticantespensantes*' das pesquisas como criações desses processos que conhecem ou que pensam ser possíveis de realizar.

[4]A ideia de "táticas" está associada à ideia de "estratégias", em Certeau. Oliveira as destaca da seguinte forma: "estratégias são portanto ações que, graças ao postulado de um lugar de poder (a propriedade de um próprio), elaboram lugares teóricos (sistemas e discursos totalizantes), capazes de articular um conjunto de lugares físicos onde as forças se distribuem. Elas combinam esses três tipos de lugares e visam dominá-los uns pelos outros. Privilegiam, portanto, as relações espaciais (...). As táticas são procedimentos que valem pela pertinência que dão ao tempo – às circunstâncias que o instante preciso de uma intervenção transforma em situação favorável, à rapidez de movimentos que mudam a organização do espaço, às relações entre momentos sucessivos de um "golpe", aos cruzamentos possíveis de durações e ritmos heterogêneos etc." (CERTEAU, 1994, p. 102 *apud* OLIVEIRA, 2008, p. 59).

[5] Termo apresentado por Oliveira (2012), indo além da ideia de Certeau que os chama somente 'praticantes', mas coerente com o pensamento deste autor, que nos diz que os "praticantes" são aqueles que criam, permanentemente, '*conhecimentossignificações*', no desenvolvimento de suas ações cotidianas.

[6]Este conceito é utilizado por Alves, porém a autoria do mesmo é de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1992), de quem a autora se apropria para entender que, para além de "fontes", as imagens, narrativas e sons permanecem muito tempo conosco para que se produzam ideias e conceitos.